

# O QUE AS CRIANÇAS GOSTARIAM QUE VOCÊ SOUBESSE: UMA RODA DE CONVERSA SOBRE ANSIEDADE INFANTIL

## WHAT CHILDREN WOULD LIKE YOU TO KNOW: A CHILD ANXIETY TALK WHEEL

Submissão:  
24/08/2022  
Aceite:  
13/03/2023

Jardielly Alencar Vasconcelos Martins<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-6615-1870>  
Bruna Queiroz Ale<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-5450-5288>  
Jamile Rossetti de Souza<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-1161-9912>

### Resumo

Ao tratar do binômio escola-família são comuns expectativas quanto a parcerias e a participação. Os debates atuais versam, predominantemente, sobre os papéis de ambas no processo educacional, bem como das mudanças que ocorreram nessas instituições socialmente construídas. Essa relação construída ao longo da história foi se legitimando legalmente tanto na Constituição Federal como no ECA e na LDB. Neste contexto, o projeto de extensão “Minha família, minha escola e eu” foi elaborado com vistas a ampliar o diálogo e aproximar escola e família. Por meio de encontros mensais síncronos, foram desenvolvidas ações em seis rodas de conversa, com foco na partilha de experiências, na discussão dos temas e na produção de registros. O recorte aqui apresentado faz parte do quarto encontro de 2021, que teve como tema “Ansiedade infantil: o que as crianças gostariam que você soubesse”. Devido à pandemia de Covid-19, a ação foi desenvolvida por meio de plataformas digitais.

**Palavras-chave:** família; escola; formação integral; afetividade; ansiedade infantil.

### Abstract

When dealing with the school-family binomial, expectations regarding partnerships and participation are common. Current debates are predominantly about the roles of both in the educational process, as well as the changes that have taken place in these socially constructed institutions. This relationship built throughout history has been legally legitimized both in the Federal Constitution and in the ECA and LDB. In this context, the extension project “My family, my school and I” was designed with a view to expanding dialogue and bringing school and family closer together. Through synchronous monthly meetings, actions were developed in six conversation circles, focusing on the sharing of experiences, the discussion of themes and the production of records. The clipping presented here is part of the fourth meeting of 2021, whose theme was “Child anxiety: what children would like you to know”. Due to the Covid-19 pandemic, the action was developed through digital platforms.

**Keywords:** family; school; integral formation; affectivity; childhood anxiety.

<sup>1</sup> Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp-UFRR) [jardielly.vasconcelos@ufr.br](mailto:jardielly.vasconcelos@ufr.br)

<sup>2</sup> Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp-UFRR) [bruna.ale@ufr.br](mailto:bruna.ale@ufr.br)

<sup>3</sup> Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp-UFRR) [jamile.rossetti@ufr.br](mailto:jamile.rossetti@ufr.br)

## Introdução

A infecção causada pelo novo coronavírus<sup>1</sup> foi detectada em dezembro de 2019 na China. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) constituiu o surto da Covid-19 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e em março desse mesmo ano foi oficialmente declarada a pandemia (OMS, 2020). De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2020), a Covid-19 é uma doença infecciosa respiratória de alta transmissibilidade, podendo em alguns indivíduos ser tanto sintomática, manifestando cansaço, febre e tosse seca, quanto assintomática.

Diante da declaração de uma pandemia, os órgãos responsáveis, preconizaram medidas circunscritas a esse contexto para conter o avanço, desacelerar a transmissão, a disseminação e a contaminação da Covid-19. Adotou-se no mundo inteiro, como medida não-farmacológica e estratégica, já que ainda não se tinha uma vacina preventiva efetiva<sup>2</sup>, o distanciamento e o isolamento social da população. Tais medidas foram adotadas devido ao elevado contágio que atingiu rapidamente diversos países, etnias e classes sociais, e conforme a situação foi se agravando, as contenções propostas também foram ficando ainda mais severas e prolongadas.

Em meados de 2020, o que se imaginava ser apenas um caso isolado, uma situação repentina de isolamento, acabou se transformando em longos dois anos de confinamento e distanciamento social. Não há de se negar que essas emergências e restrições de saúde global acabaram por impactar de maneira drástica não só a vida das pessoas como todos os setores da sociedade. Uma nova realidade imposta pela conjuntura da pandemia da Covid-19 foi se delineando e se conformando e em meio à forte onda de casos do novo coronavírus e do acelerado contágio, a instituição escolar foi um dos setores que sofreu modificações abruptas, tendo que se adaptar e ressignificar diante do que comumente passou-se a chamar de “o novo normal”.

O Ministério da Educação (MEC), em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, determinou a suspensão e a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais em todo o território nacional (BRASIL, 2020). Esse foi um impacto que descaracterizou todo o arcabouço da instituição escolar, desconfigurando não apenas os aspectos burocráticos e pedagógicos formais, mas refletiu-se amplamente na dinâmica dos processos sociais que são estabelecidos no chão da escola.

Isso porque, a escola antes de caracterizar-se como uma instituição formal de ensino, responsável por mediar conhecimentos escolares que as crianças não teriam acesso se não fosse por ela acessíveis, materializa-se como um ambiente favorável para que as crianças se desenvolvam e aprendam plenamente em todas as etapas da sua vida, além disso, ela se constitui como um espaço social de convivência para todos os estudantes marcado por uma fase em que há intensa troca de sinergia corporal, de socialização e interação. É na escola que as crianças começam a estabelecer relações fora do seu núcleo familiar e que aprendem sobre como estabelecer conexões de maneira harmônica e simétrica com o outro que é diverso cultural e socialmente.

As práticas curriculares, de ensino, metodológicas e estruturais foram afetadas drasticamente com a interrupção das aulas presenciais e o estabelecimento do ensino remoto. O Colégio de Aplica-

<sup>1</sup> De acordo com a OPAS (2020), o vírus SARs-CoV-2, é o causador do novo coronavírus, comumente chamado de COVID-19.

<sup>2</sup> As primeiras doses de vacina contra a Covid-19 chegaram ao Brasil em março de 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/21-3-2021-brasil-recebera-primeiras-vacinas-contracovid-19-por-meio-do-mecanismo-covax>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

ção (CAp), pertencente à Universidade Federal de Roraima (UFRR), fechou suas portas no dia 17 de março por decisão do Ministério da Educação (MEC) e iniciou seus trabalhos remotos somente em julho<sup>3</sup> de 2020, pois foi necessário que a escola se organizasse e se planejasse junto ao corpo docente para uma realidade ainda desconhecida. É salutar informar que a UFRR só veio a estabelecer e regulamentar, em caráter excepcional e temporário, o Ensino Remoto Emergencial (ERE)<sup>4</sup>, em agosto de 2020, através da Resolução CEPE/UFRR nº 012, para atender as demandas educacionais ocasionadas pela pandemia da COVID-19.

Diante desse cenário que compôs a realidade de muitos dos estudantes do CAp, o colégio não pode ficar atento apenas às demandas burocráticas e pedagógicas, foi necessário estar ativo, ter um olhar sensível, voltar as leituras e interpretações, acolher e praticar a empatia e solidariedade para todo o cenário que envolvia aquele momento de incertezas, dúvidas e inseguranças.

Professores se mantiveram em constante capacitação, devido a urgência e emergência frente ao momento, tiveram que adquirir novas habilidades, dominar outras metodologias e se reinventar em meio a diversidades burocráticas, políticas e de gestão (SOUSA FILHO; MENEZES, 2021). A pandemia impôs desafios e uma mudança significativa na dinâmica de todo o funcionamento escolar que precisou se resignificar.

Nesse contexto, as professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizaram a segunda edição do projeto de extensão “Minha família, minha escola e eu”. A ação, surge em 2019, com base na Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB –, a qual estabelece, em seu art. 12, inciso VI, que é papel dos estabelecimentos de ensino “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”, bem como criar oportunidades de participação e acompanhamento. De igual forma, no art. 13, inciso VI, estabelece-se que os docentes deverão “colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade”. Outrossim, no art. 32, inciso IV, constitui-se como estrutura para o Ensino Fundamental “o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (BRASIL, 1996).

O projeto, a partir destas premissas legais e do compromisso social da instituição, propõe uma ação de formação e aproximação, em que as famílias são agentes na construção de conhecimentos que contribuam nos processos de aprendizagem das crianças atendidas. Em um processo dialógico, buscou-se trabalhar com temas pertinentes tanto para as famílias quanto para o Colégio, proporcionando vivências formativas interdisciplinares.

A edição de 2019 foi presencial e ocorreu em seis encontros. Para 2021, foram organizados novamente seis encontros, adaptando para o formato on-line, por meio de plataformas de videoconferência. Contudo buscou-se manter a proposta dialógica, dinâmica e acolhedora, convidando os participantes à conversa constante, desde a escolha dos temas desenvolvidos. Para este recorte, será analisada uma das rodas de conversa.

<sup>3</sup> Salienta informar que entre os meses de março e julho, as práticas de ensino foram mediadas por canais de redes de comunicação entre escola e discentes com sugestões de atividades para cada ciclo de escolarização.

<sup>4</sup> De acordo com o artigo 3º da Resolução nº 012 de 18 de agosto de 2020, da UFRR, o ERE “[...] é o conjunto de soluções de ensino de aplicação totalmente remota, e que permitam a continuidade do acesso a suportes e conteúdos educacionais em substituição temporária, durante um momento de crise, a atividades que em outras circunstâncias seriam desenvolvidas presencialmente”.

## Construção teórica e metodológica

Com o distanciamento e o isolamento social ocasionados pela pandemia do novo coronavírus, as interações sociais, o estabelecimento de relações e o modo de vida, sofreram intensas modificações, com um peso exacerbado nos grupos vulneráveis, como as crianças e adolescentes (BROOKS et al., 2020). O estudo de Paiva et al. (2021), demonstrou que a ruptura das aulas presenciais provocou mudanças na dinâmica escolar que fizeram surgir outros problemas além daqueles de cunho pedagógico.

A transição repentina das aulas presenciais para o novo modelo de ensino remoto, sem o devido preparo psicológico para lidar com essa nova conjuntura, interferiu potencialmente na saúde mental de todos, afetando drasticamente o estado emocional de crianças e adolescentes (SILVA et al., 2021; RODRIGUES; LINS, 2020; MELO et al., 2020; LINHARES; ENUMO, 2020).

O estado emocional das crianças e adolescentes foi largamente impactado quando a função socializadora que a escola exerce sobre esses atores foi acometida pela nova realidade do coronavírus. Apesar de Pérez Gómez (2001, p. 261) indicar que “[...] o processo de socialização que as novas gerações suportam tanto em seu meio social como na escola muda e se especializa na medida e no ritmo das sutis e aceleradas transformações sociais”, lidar com todas essas transformações abruptas ocasionadas pelo rearranjo educacional da COVID-19 descompensou a saúde emocional das crianças.

Além de lidar com a privação da socialização, do contato corpo a corpo e da aprendizagem formal com seus colegas que acontece durante as aulas presenciais, as crianças também tiveram que lidar com o distanciamento do convívio com seus familiares, com a suspensão das atividades extracurriculares e com a proibição de praticar e frequentar atividades de lazer como cinema, shoppings, parques e praças. No entanto, a maior administração dessas crianças foi com o tratamento de suas emoções frente a uma gama de sentimentos que pudessem afetar o seu estado psicológico provocado pelo cenário da Covid-19, como as incertezas, a insegurança, o medo, a frustração, o tédio, a doença, o bombardeio de informações conflitantes e a morte (WANG et al., 2020).

O teletrabalho (*home office*) e o ensino remoto, práticas prescritivas do distanciamento social, trouxeram grandes desafios para as famílias, como a hiper convivência de pais e filhos dentro de casa, falta de rotina estruturada e sistematizada, e, principalmente uma nova reconfiguração para as relações e as aprendizagens que passaram a se efetivar por meio de uma tela (LINHARES; ENUMO, 2020).

As crianças passaram a ter mais contato com os meios tecnológicos que se tornaram em larga escala a sua ferramenta de aprendizagem, de entretenimento e de ócio (SILVA et al., 2021). No entanto, a exposição excessiva das crianças às tecnologias alterou significativamente o padrão de sono e alimentação, trazendo ainda consequências como irritabilidade, falta de disposição para as atividades diárias, cansaço excessivo e generalizado, baixa nos níveis de imunidade, queda no rendimento escolar e estilo de vida inativo, com altas taxas de sobrepeso e obesidade, além de gerar e instaurar fobias sociais e um estado frequente de ansiedade (SILVA et al., 2021).

É importante dizer que a ansiedade é um termo com diferentes acepções e que, segundo a definição do Ministério da Saúde (MS), pode ser entendida como uma reação esperada nos seres humanos, podendo estar presente em qualquer momento da vida, manifestando-se em diferentes aspectos do cotidiano (BRASIL, 2011). Para Dalgalarro (2000) esse estado de humor desconfortável, com inquietação e apreensão interna, relaciona-se com uma preocupação exacerbada com o futuro. De acordo com Bauer (2002), essa angústia por vezes inespecífica, promove emoções vagas, sufocantes e que pode ser confundida com medo de algo ou de alguém. Já conforme Simões (2013),

ansiedade pode ser uma reação ou uma emoção natural dos indivíduos diante de situações entendidas como ameaçadoras, que possam atingir sua integridade física, emocional ou moral. A ansiedade repercute no universo de pessoas em diferentes faixas de idade.

Pensando no isolamento social causado pela pandemia, portanto, o sentimento de ansiedade permeado pelas crianças, ocasionado por todos os alertas na mudança de rotina familiar e escolar, ressoou sobre as práticas do cotidiano escolar. Práticas essas voltadas para preocupações relacionadas ao estado emocional de estudantes, que a escola não pode silenciar, pelo contrário, precisou reconhecer, acolher, contemplar e trazer para a realidade do currículo escolar.

Ressalta-se que os estudos mais recentes sobre ansiedade infantil pouco estão relacionados com a escola. Em uma pesquisa no portal de periódicos e no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, foi possível perceber que, embora seja um tema bastante discutido na vida cotidiana e, conseqüentemente, presente no cotidiano escolar, ainda são sutis as publicações e estudos que relacionam escola e ansiedade infantil.

Santos (2017), investigou a percepção dos professores diante de manifestações de ansiedade na escola. Já Caíres e Shionohara (2010), dedicaram-se à presença de sintomas dos transtornos em crianças em situação de vulnerabilidade. Santana e Cerqueira-Santos (2014), analisaram as relações e ações no ambiente escolar e familiar com a ansiedade infanto-juvenil, estudo semelhante ao de Jatóbá e Bastos (2007). Em todos esses casos, mesmo que a escola esteja listada como palavra-chave, presente no título ou no resumo, os estudos são prescritivos ou descritivos.

Sendo assim, este trabalho é fruto de uma proposta que tem como foco a experiência formativa de docentes e famílias em temas relevantes socialmente, neste caso a ansiedade infantil. O projeto de extensão “Minha família, minha escola e eu”, foi cadastrado junto a Diretoria de Extensão (DIREX) da Universidade Federal de Roraima em 2019 (primeira edição) e 2021 (segunda edição). Toda ação de extensão que ocorre no âmbito da universidade precisa da aprovação, gerenciamento e supervisão da DIREX. A roda de conversa que se configura como escopo deste artigo, fez parte da ação cadastrada com o número 9032019-2021.

Na ocasião da inscrição, por meio de formulário digital, os cerca de 30 participantes aceitaram fazer parte da prática analisada, que não incluiu gravações de vídeo, áudio ou voz. Outrossim, os dados analisados aqui preservam nomes e dados pessoais dos participantes, garantem os direitos individuais. Fizeram parte da roda de conversa analisada mães, pais, tias, avós e irmãos de alunos e alunas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação, além de acadêmicas e estagiárias do curso de Pedagogia da UFRR. A psicóloga escolar da instituição acompanhou como ouvinte a proposta.

### **Construindo a Roda de Conversa Virtual**

O planejamento da roda de conversa teve como foco, inicialmente, a seguinte questão central: o que as crianças, em episódios de ansiedade, gostariam que seus pais e/ou responsáveis soubessem? Buscando responder a essa questão combinamos diversos momentos de interações síncronas e assíncronas para socializar os estudos e, em nosso ponto de vista adulto/estudioso/docente, reconhecer como essas ações e características mensuradas em pesquisas se encontravam em nossos educandos dentro do Ensino Emergencial Remoto (ERE).

A partir dos estudos socializados, reconhecemos ações, reações e movimentos de padrão repetitivos dentro das nossas atividades remotas o que suscitou a necessidade de reelaborar a pergunta norteadora: “o que as crianças do Ensino Fundamental, anos iniciais do Colégio, em episódios de ansiedade, gostariam que seus pais e/ou responsáveis soubessem?”

Dentro desta perspectiva, a roda de conversa foi pensada de forma a acolher e, principalmente, auxiliar os pais e/ou responsáveis a identificar os gatilhos que desencadeavam os episódios de ansiedade e a reagir de forma positiva, auxiliando essas crianças a compreender esses momentos, seus fatores de estopim e a lidar e atuar com esses eventos de maneira mais consciente, de modo a superá-lo. É importante ressaltar que de acordo com estudos de Wang et al. (2020) os pais desempenham um importante papel e são reflexos para que a ambientação saudável de seus lares seja propícia a emoções equilibradas e harmoniosas de seus filhos, através de diálogos afetivos, compreensivos e esclarecedores sobre a realidade vivida.

Nos baseando no relacionamento já construído mediante a execução anterior deste projeto, rememorando as reuniões de pais e os momentos familiares dentro da escola, buscamos personalizar nossas ações diante dos problemas pertencentes a nossa rotina como docentes.

Chegamos então a um modelo de abordagem que combinava nossos estudos, experiências com os educandos e seus pais e/ou responsáveis e as necessidades dos mesmos. A roda de conversa virtual contou com uma sequência didática na qual cada ação presente estava em interação dialógica com a ação anterior. No entanto, reconhecendo que o planejamento é algo fluído e não engessado e que é passível de sofrer alterações dentro de seu momento de execução, como salienta Moran (2007), nossas perspectivas iniciais para a roda de conversa sofreram modificações em meio à sua execução, pois cada ação suscitou uma sequência de relatos e construções coletivas entre os participantes que permitiu uma fluidez inesperada entre as demais ações e a supressão de outras.

Inicialmente, foi feito o convite de participação da Roda de Conversa através do banner de promoção em todas as plataformas oficiais<sup>5</sup> utilizadas pelo Colégio, com indicação do tema, link de acesso, data e horário.

Ao contrário das oficinas presenciais, não foi exigida inscrição prévia. Contudo, realizamos a

Foto 1: Banner de divulgação da Roda de Conversa



Fonte: Das autoras (2021)

<sup>5</sup> SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas). Whatsapp, Instagram e Telegram.

frequência por meio de formulários digitais, além de registros por meio de *prints* de telas. As reuniões não foram gravadas, pois as mediadoras entenderam que uma gravação poderia inibir a participação das famílias.

### Sequência didática de execução da Roda de Conversa

A roda de conversa foi realizada através da plataforma *google meet* e foi desenhada em seis (6) momentos:

**1º momento** – Baseada nas nossas experiências e feedbacks positivos, de iniciar as aulas síncronas de forma a acolher, ambientar e promover um momento de troca e escuta ativa e afetiva com nossos alunos, optamos também por recepcionar os pais e/ou responsáveis com uma música relaxante, já no intuito dentro deste contexto, de a atividade proporcionar o conforto emocional e a estimulação da memória afetiva, como evidência Foxglove (1999), e permitindo que os pais e/ou responsáveis acessassem a roda em tempo hábil para terem a experiência completa.

Após esse primeiro momento estipulamos mais cinco ações distintas que seguiriam um roteiro de apresentação realizado pelas idealizadoras da roda de conversa, e no intuito de embasar o resultado de nossas pesquisas e ações de forma prática e direta, contamos com o suporte complementar e especialista da psicóloga da escola<sup>6</sup>.

**2º momento** – Nessa ação o foco foi caracterizar a ansiedade através do reconhecimento da mesma em diversas animações de vídeo evidenciando características presentes em personagens famosos e ofertando a possibilidade de compreender como e porque algumas crianças poderiam se identificar com eles. Proposta a atividade, tivemos um reconhecimento por parte dos pais e responsáveis, através de momento oportuno de fala, não só de identificar a ação em seus filhos, mas também de reconhecer em si, o que suscitou um diálogo imerso de reflexões de como os momentos estressantes são sinalizados nas crianças e nos adultos e como esses episódios se tornam um fator estressante, em caráter de retroalimentação.

**3º momento** - Esse diálogo foi oportunamente “linkado” pela realização de uma dinâmica intitulada de “comandos” (passível de ser aplicada com as crianças). Essa dinâmica consistia em obedecer a realização de uma pequena e única tarefa, porém, no momento exato e oportuno de realização da mesma através do correto comando. No entanto, de acordo com os direcionamentos, a dinâmica não só evidenciou que os acionamentos de gatilhos de ansiedade foram tão grandes a ponto de nublar a compreensão, como também os induziu a erros de comportamento ao final da dinâmica sem precisar de um maior estímulo (nossas ideias de direcionamento até que esse reconhecimento chegasse foi completamente desnecessária).

**4º momento** - A quarta ação mostrava falas reais de crianças ansiosas, sendo a ação mais direta a responder o questionamento central da roda de conversa.

A significância dada ao terceiro momento influenciou o quarto momento a ser ainda mais emotivo e impactante, mesmo não se tratando do relato de seus filhos. A realidade do que foi exposto alcançou o público estimulando ao reconhecimento dos relatos e a citação de novos similares ou diferentes que mostravam como a ansiedade estava presente na vida dos responsáveis e de seus filhos.

**5º momento** – Esse momento foi voltado para a demonstração de técnicas simples de relaxa-

<sup>6</sup> O Colégio de Aplicação possui em sua estrutura um núcleo de apoio a orientação psicológica e educacional – NECAP.

mento e de controle quando da identificação de algum episódio de ansiedade a se instaurar e também já instalado. Inicialmente foi feita uma abordagem explicativa sobre o que muda fisiologicamente no corpo em um momento de ansiedade e como agir e reagir em busca de contornar esses eventos por meio da técnica de respiração “flor e vela”<sup>7</sup>, “abraço de borboleta”<sup>8</sup> e da utilização de um brinquedo chamado “pop it”<sup>9</sup>.

Tal percurso tornou o quinto momento não apenas como uma exposição das técnicas (representados por vídeos divididos pelo aplicativo da reunião), mas sim como a aplicação e vivência dessas técnicas em conjunto, num intenso processo de experimentação e fruição, como uma janela oportuna para relatos dos pais e responsáveis sobre a experiência, suscitando novos diálogos não só do uso das técnicas, mas de outras. Além disso, a apresentação do brinquedo *pop it* também foi diferente do que planejamos já que ele era de amplo conhecimento dos responsáveis ali presentes e tivemos um breve diálogo sobre seu uso pelas crianças e os efeitos que o mesmo tem, apresentamos o vídeo de como fazer um *pop it* caseiro como uma forma de construir/fortalecer laços entre pais e filhos ao produzir esse brinquedo relaxante juntos.

**6º momento** - A última ação consistia em um questionário que auxiliaria a identificar os gatilhos nos diferentes ambientes de convívio que seria feita com os pais e responsáveis, mas poderia ser facilmente adaptada às crianças.

No fim sequencial dos momentos didáticos, solicitamos aos pais e responsáveis que aqueles que se sentissem à vontade, pudessem ligar suas câmeras para um registro de imagem, que preenchessem o *google forms* para registro da frequência e também para que fosse possível a realização de um sorteio virtual, em site específico, de um kit de brinde que consistia em um chaveiro pop it, um frasco de aromaterapia voltado para a ansiedade e um chocolate, como forma de agradecer a todos os participantes. Salientamos que esse momento foi recebido de forma muito positiva e bem-humorada.

É possível afirmar, ainda que os participantes compartilharam suas experiências e o diálogo foi profícuo, fazendo com que o encontro durasse mais do que as 2 horas previstas. Mesmo de forma remota, percebeu-se a aproximação das famílias com a escola. Por meio do formulário de frequência, recebemos relatos como (figura 2):

---

<sup>7</sup> Técnica que consiste em utilizar o dedo indicador de uma das mãos, fazendo uso do jogo simbólico, em imaginar uma flor e uma vela, na qual primeiro inala o ar pelo nariz, como se estivesse cheirando uma flor segurando a respiração por até três segundos e soltar o ar pela boca como se estivesse soprando uma vela.

<sup>8</sup> Técnica que ajuda a criança ou o adulto a fazer uma mudança de estado emocional regulando suas emoções.

<sup>9</sup> Brinquedo manual com potencial terapêutico que ajudam no foco e na atenção, largamente utilizado pelas crianças durante o confinamento da pandemia do COVID-19 como estratégia de controlar a ansiedade.

**Figura 2:** Relato dos participantes

Deixe aqui outras observações/sugestões:

8 respostas

Mais conversas desse tipo.

Achei bastante interessante a roda, porque pude conhecer várias técnicas envolvidas no processo, além dessa possibilidade de conectar a família com a escola e poder compartilhar as dificuldades encontradas nesse momento e como poder ajudar.

Sem mais..

Assunto bastante maravilhoso

Que haja novas rodas de conversas com outros temas

Como trabalho esse tema com filho com deficiência?

NADA A DECLARAR

Sublime momento de partilha e crescimento coletivo.

Fonte: Formulário digital de Frequência

O formulário foi importante instrumento de reflexão, pois possuía dois itens de avaliação do encontro: “Defina o encontro de hoje em uma palavra” e “Deixe aqui outras observações/sugestões”. Este último encontra-se ilustrado no *print* acima. Já os dados referentes a definir a roda de conversa em uma palavra, indicam que a prática foi um momento de reflexão, acolhimento, esclarecimento, empatia e motivação.

Destaca-se, nesse sentido, que a prática desenvolvida remete a uma experiência de construção coletiva de saberes, por meio de experiências sociais significativas. Não há saberes mais ou menos importantes, nem sujeitos com conhecimentos dominantes. Essa forma de construção faz parte da “transição do Paradigma Moderno da Subjetividade para o da Intersubjetividade Comunicativa (Paradigma Pós-Moderno)” (AUGUSTIN, 2020, p. 20).

Outrossim, a experiência possibilita “a reflexão e ação dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (FREIRE, 1978, p. 40). Nessa espiral dialógica, não se trata mais de escola *versus* família, mas da criação de vínculos em torno de um objetivo comum: a formação integral de nossas crianças.

O tema ansiedade, mesmo que popularizado, ainda não repercute de forma significativa no cotidiano das infâncias. Por vezes, crises de ansiedade em crianças são deslegitimadas pelos grupos sociais apenas por desconhecimento. Assim, a partir da roda de conversa, percebeu-se uma nova forma de ver as ações e reações dos alunos.

## Considerações finais

A execução da roda por ter sido diferente do que planejamos, não apenas por modificar as ações e suprimir algumas, conseguiu atingir os objetivos propostos e executar sua função como roda de conversa ao propor um diálogo ativo, afetivo e acolhedor na qual não apenas as professoras foram protagonistas de falas, mas em que houve a troca significativa de experiências.

Reforçamos os laços família e escola como proposto no projeto e fomentando – como pedia a roda – o reconhecimento do que as crianças ansiosas gostariam que seus pais e/ou responsáveis soubessem. Que eles compreendessem suas ações não como birra e sim como gatilhos e pedidos de ajuda, que eles compreendessem que as pressões que os mesmos sofrem também são sentidas pelas crianças e que mesmo em “universos distintos” são afetados pelos mesmos fatores estressantes e podem ter atitudes ansiosas espelhadas em graus diferentes. Que passar por isso sozinho e sem orientação não é a melhor escolha e que podem sempre contar com a escola para construir essa orientação e conseguir reagir da melhor forma possível a toda essa ansiedade comum aos nossos dias e a nossa atual situação pandêmica.

## Referências

- ALMEIDA, I. M. G.; SILVA JÚNIOR, A. A. **Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do COVID-19**. Research, Society and Development, v. 10, n. 2, e54210212286, 2021. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1Z-H3nwcF\\_YJ:https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/12286/11580/169353&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1Z-H3nwcF_YJ:https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/12286/11580/169353&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)
- AUGUSTI, R. B. **Construção coletiva de saberes emancipatórios na formação continuada de professores na interface Universidade/Escola**. Ijuí, 2020. (Tese de doutorado).
- BAUER, S. (2002). **Da ansiedade à depressão** - da psicofarmacologia à psicoterapia Ericksoniana. São Paulo: Livro Pleno.
- BRASIL. **Portaria nº 343/2020 do Ministério da Educação**. 2020. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm)
- BRASIL, 2011. **O que é Ansiedade?** Orientações para a atenção básica. [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/224\\_ansiedade.html#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20ansiedade%3F,qualquer%20contexto%20de%20perigo%2C%20etc](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/224_ansiedade.html#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20ansiedade%3F,qualquer%20contexto%20de%20perigo%2C%20etc).
- BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; et al. **The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence**. The Lancet, v. 395, n. 10227, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30460-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext)
- CAÍRES, M. C.; SHINOHARA, H. **Transtornos de ansiedade na criança: um olhar nas comunidades**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Volume 6, número 1. 2010.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FOXGLOVE, T. **Music therapy for people with life-limiting illness**. Nurs. Times, v.95, n.18, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/135945750301700104>

IMRAN, N., ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. **Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic**. Pakistan Journal of Medical Sciences, v. 36, n. COVID19-S4, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32582317/>

JATOBÁ, J. V. N.; BASTOS, O. **Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas**. Jornal Brasileiro Psiquiatria, 56(3): 171-179, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/qq3wL-VwDfBpnZW9chB6wBtG/abstract/?lang=pt#>

LINHARES, M. B. M., & ENUMO, S. R. F. **Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil**, 2020. Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200089. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>

MELO, B., et al. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: crianças na pandemia Covid-19**. FIOCRUZ, 2020.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegamos lá**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. **OMS afirma que COVID é agora caracterizada como Pandemia**. (Brasil), 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso: 08 de jun. 2022.

PAIVA E. D.; et al. **Comportamento da criança durante o distanciamento social na pandemia de COVID-19**. Rev Bras Enferm. 2021;74 (Suplemento 1): e 20200762. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0762>.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. A cultura acadêmica. In: \_\_\_\_\_. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RODRIGUES, J. V. S.; LINS A. C. A. A. **Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário**. Research, Society and Development, v. 9, n. 8, e793986533, 2020.

SANTANA, M. V. de M.; CERQUEIRA-SANTOS, E. **Avaliação de Ansiedade Infanto-juvenil e sua Relação com o Clima Familiar e Escolar**. Revista Subjetividades, 14(1), 141–151. <https://doi.org/10.5020/23590777.14.1.141-151>. 2014.

SANTOS, J. O. dos. **A percepção dos professores frente à ansiedade infantil: uma visão psicopedagógica**. Trabalho de conclusão de curso. UFPB, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1821>

SILVA, A. C. P.; et al. **Efeitos da pandemia da COVID-19 e suas repercussões no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa**. Research, Society and Development, v. 10, n. 4, e50810414320, 2021.

SIMÕES, B. M. N. **Ansiedade, satisfação e bem-estar em finalistas e profissionais de psicologia em início de carreira**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação - Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal. 2013.

SOUSA FILHO, F. G.; MENEZES, E. N. **A formação continuada em tempos de pandemia de Covid-19**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6459/5374>. Acesso em: 10 de jun. de 2022.

WANG, G. et al. **Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak**. The Lancet, 395, 945-947. 2020. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X). Acesso em 07 de jun. de 2022.